

ESTUDAR PARA VENCER, FRACASSAR OU ADOECER? A lógica do desempenho como forma de violência na educação sul-coreana

Laura Victória Rodrigues da Silva ¹
Eliane Maria Monteiro da Fonte ²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender a influência da lógica neoliberal na educação sul-coreana, a partir da perspectiva da “sociedade do desempenho”, conceito desenvolvido pelo filósofo Byung-Chul Han. A educação na Coreia do Sul é amplamente reconhecida pelos seus resultados expressivos em rankings internacionais, no entanto, essa excelência é acompanhada por intensa pressão sobre os estudantes, caracterizada por uma competitividade extrema, longas jornadas de estudo e uma cultura de autoexploração. O estudo consiste em uma revisão bibliográfica, articulando a obra de Han com dados publicados em artigos científicos, relatórios e estudos acadêmicos sobre o sistema educacional sul-coreano, buscando entender como a racionalidade neoliberal molda a subjetividade dos estudantes, transformando-os em sujeitos responsáveis pelo próprio sucesso ou fracasso. Além disso, o artigo discute os impactos dessa lógica na saúde mental dos jovens, nas relações sociais e na crescente configuração do ensino como mercadoria. Espera-se contribuir para uma reflexão crítica acerca dos custos sociais, emocionais e éticos de uma educação orientada exclusivamente pelo desempenho e pelo mérito individual, questionando a naturalização desse modelo e suas possíveis repercussões no Brasil, que frequentemente admira e tenta importar esse paradigma educacional. Por fim, aponta-se para a necessidade urgente de práticas pedagógicas e políticas educacionais que valorizem a coletividade, o cuidado e o desenvolvimento humano integral, em contraponto à lógica excludente, exaustiva e muitas vezes desumana que caracteriza a sociedade do desempenho.

Palavras-chave: Educação, Neoliberalismo, Sociedade do Desempenho.

INTRODUÇÃO

A educação não se constrói em um vazio neutro: as políticas educacionais refletem e reproduzem as estruturas econômicas, sociais e ideológicas nas quais está inserida. Nas últimas décadas, a introdução da lógica neoliberal nas políticas relacionadas à educação tem consolidado uma visão mercadológica da escola, onde o desempenho, a produtividade e a competitividade são colocados acima da formação integral, do bem-estar e da subjetividade dos estudantes. Vejamos o caso da Coreia do Sul: o sistema educacional sul-coreano tem sido

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, laura.victoria@ufpe.br.

² Pós-doutora em Sociologia pela Universität Hamburg - UHH, na Alemanha. Professora Titular do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, elianefonte@yahoo.com.br.





amplamente referenciado como modelo ideal, ocupando as primeiras posições em rankings internacionais de desempenho acadêmico. Em termos econômicos, é a 11ª maior economia mundial, sendo a 4ª maior da Ásia. Levando em consideração que, no ano de 1948, quando foi proclamada a República da Coreia, a nação contava com uma renda *per capita* menor que US\$ 100 (Miltons, Michelin, 2008), não é exagero que seu rápido crescimento fosse denominado “O Milagre do Rio Han” (Isozaki, 2018 apud Honda, 2022).

Para superar os desafios pós-ocupação japonesa, Guerra da Coreia e despesas militares, o governo sul-coreano investiu na escolarização, transformando-a em propulsor do desenvolvimento econômico (Honda, 2022). Entretanto, esse investimento gerou a Febre Educacional, fenômeno marcado pela herança confuciana que valoriza a educação como caminho para mobilidade social e prosperidade. As famílias passaram a investir intensamente nos estudos dos filhos, criando extrema pressão por desempenho e excelência. Esse ambiente competitivo, naturalizado desde a infância, torna o não sucesso uma forma de dissidência. Assim, o modelo educacional sul-coreano evidencia a relação entre busca por excelência, lógica neoliberal e sociedade do desempenho (Crespo, 2024).

A partir do que foi exposto, busca-se problematizar o seguinte: como essa busca por excelência está associada à lógica neoliberal e à sociedade do desempenho? Para refletir sobre isso, é necessário compreender como o neoliberalismo, ao ultrapassar a esfera econômica, passa a organizar as subjetividades e reconfigurar a experiência educacional. Byung-Chul Han (2017), ao discutir a sociedade do desempenho, descreve sujeitos que, acreditando serem livres, internalizam a lógica da autoexploração. No contexto educacional, essa lógica aparece na figura do estudante empreendedor de si mesmo, responsável individualmente por seu sucesso ou fracasso.

As reflexões feitas neste trabalho são relevantes, especialmente para o contexto brasileiro, porque ajudam a pensar para além da ideia de sucesso educacional baseada em números e rankings. A Coreia do Sul costuma ser citada como modelo por conta de seus ótimos resultados acadêmicos (Honda, 2022; Vuala, Souza, 2023), mas isso tem um custo alto: estudantes sobrecarregados e pressionados desde cedo. No Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) caminha num rumo parecido ao priorizar o desempenho e a adaptação ao mercado (Brasil, 2018). É urgente pensar também no lado subjetivo disso tudo: o que esses modelos cobram dos jovens, como impactam suas vidas e o que, de fato, estamos



formando com esse tipo de educação. Buscamos, assim, por meio deste trabalho, compreender os impactos da lógica do desempenho perante a juventude. Este artigo está estruturado em 4 partes: Inicia-se com uma síntese metodológica, seguindo para o marco teórico, evoluindo para os resultados da pesquisa, encerrando com uma conclusão acerca do trabalho desenvolvido.

METODOLOGIA

A abordagem deste estudo é qualitativa, voltada à compreensão interpretativa das representações do modelo educacional sul-coreano à luz do neoliberalismo e da Teoria de Byung-Chul Han. Foram utilizados dois métodos principais: revisão bibliográfica e análise crítico-teórica (Creswell, 2014; Minayo, 2014). A revisão considerou obras teóricas, artigos científicos e estudos acadêmicos sobre educação na Coreia do Sul, com foco em desempenho, competição e saúde mental. A coleta ocorreu via Google Scholar, com palavras-chave como “Neoliberalismo na educação”, “Sociedade do Desempenho” e “Educação na Coreia do Sul” (Gil, 2008), priorizando textos dos últimos 25 anos de relevância acadêmica.

A análise dos dados seguiu uma leitura crítico-teórica orientada pela obra *Sociedade do Cansaço* (2017), de Byung-Chul Han, articulando os discursos coletados com conceitos que evidenciam o esgotamento psíquico gerado por sociedades neoliberais. Assim, buscou-se compreender os impactos subjetivos e sociais de um modelo educacional centrado em desempenho, autossuperação e competição constante.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, são apresentados os referenciais teóricos que embasam a análise proposta. Parte-se de um breve histórico da Coreia do Sul e de seu paradigma educacional, avançando para a discussão sobre a racionalidade neoliberal, introduzindo, por fim, o pensamento de Byung-Chul Han como chave interpretativa central.

A Coreia³, enquanto nação, possui uma trajetória histórica longa, com registros que remontam a mais de 4.000 anos. Ao longo dos séculos, construiu uma cultura marcada pela

³ Nas passagens em que se utiliza o termo “Coreia” sem especificação, refere-se ao período histórico anterior à divisão territorial ocorrida em 1953, quando a Coreia ainda era uma única nação antes da separação entre Coreia do Sul e Coreia do Norte.





continuidade e por um forte sentimento de pertencimento coletivo. A homogeneidade étnica e linguística da população contribuiu para a consolidação de valores tradicionais, como a importância da família, da coletividade e do respeito aos mais velhos. Esses aspectos foram moldados por uma articulação entre elementos da cultura local e influências externas, como o confucionismo, o budismo, o taoísmo e, posteriormente, o cristianismo. Mais do que crenças religiosas, essas correntes passaram a fazer parte do cotidiano, orientando comportamentos, normas e modos de viver que permanecem presentes até hoje (Cha, 2004).

Durante a ocupação japonesa (1910-1945), a educação na Coreia foi usada como instrumento de dominação, voltada à formação técnica e à assimilação cultural. Após 1945, com o fim da ocupação, os Estados Unidos influenciaram fortemente o sistema educacional, introduzindo um modelo ocidental centrado em ciência e tecnologia. A Guerra da Coreia (1950-1953) acentuou a dependência de apoio externo, e a reconstrução do país contou com recursos e assistência estadunidense, modernizando a educação. No regime de Park Chung-hee (1961-1979), o ensino técnico e científico ganhou destaque, atendendo às demandas do mercado industrial e à estratégia de desenvolvimento econômico. O governo sul-coreano expandiu o acesso à educação básica, criando oportunidades de mobilidade social e qualificando a mão de obra, consolidando a educação como pilar do crescimento nacional e da ascensão tecnológica do país (Hanushek; Woessmann, 2008; Seth, 2002 apud Crespo, 2024).

Dados da OECD (2019) indicam que, em 2018, 78% dos jovens adultos com ensino superior estavam empregados, recebendo, em média, salários 41% maiores que os de indivíduos sem diploma. O aumento do acesso às universidades intensificou a competição acadêmica e estimulou a educação suplementar privada, que movimentou mais de 18 bilhões de dólares entre 2019 e 2020 (Korea, 2020 apud Honda, 2022). O enfraquecimento das estruturas hierárquicas tradicionais, combinado a ideais igualitários, consolidou a crença de que a educação é o principal instrumento de ascensão econômica e mobilidade social. As famílias passaram a assumir como responsabilidade própria o provimento de suporte educacional e oportunidades formativas para seus filhos, fenômeno conhecido como Febre Educacional (Honda, 2022).

Esse fenômeno reflete a lógica neoliberal, que transforma a educação em projeto individual de desempenho e competição, alinhado às demandas do mercado. O



neoliberalismo não se limita a uma política econômica: atua reorganizando conflitos sociais sob uma racionalidade mercantil, intensificando desigualdades, financeirizando direitos e promovendo a privatização, o culto à performance e a autorresponsabilização (Dos Santos, 2021). Diante desse cenário, a educação ocupa lugar central no imaginário coletivo sul-coreano, mas os sujeitos internalizam a lógica da autoexploração. É nesse contexto que se insere a análise de Byung-Chul Han (2017), que descreve indivíduos responsáveis pelo próprio sucesso ou fracasso, evidenciando a intersecção entre neoliberalismo, desempenho e educação.

Han é um autor contemporâneo nascido na Coreia do Sul. Originário de uma sociedade marcada pelo avanço tecnológico e ritmo acelerado, critica um modelo baseado no excesso. Apesar de sul-coreano, sua formação acadêmica ocorreu na Alemanha, em diálogo com autores da tradição ocidental, como Foucault, com quem compartilha o interesse pelos modos de subjetivação. Para Han, vivemos numa época em que a liberdade se transforma em exigência de performance, e a autoexploração, em regra. Essa lógica também atravessa a educação, onde aprender deixa de ser um percurso e se torna uma disputa por resultados.

A chamada sociedade do cansaço se apresenta como um desdobramento e superação da sociedade disciplinar. Em diálogo com Foucault, Byung-Chul Han compreende a sociedade disciplinar enquanto um sistema fundamentado em instituições como hospitais, presídios, quartéis e fábricas, voltado ao controle dos corpos por meio da repressão e da disciplina. Era uma lógica marcada por interditos, limites e proibições, ou seja, estruturada pela negatividade. Em contrapartida, ao propor a sociedade do desempenho, Han estabelece uma nova configuração social que é adaptada ao sujeito contemporâneo. Se Foucault fala de negatividade, Han vai estabelecer uma lógica da positividade: agora o poder não nega, estimula. A coerção externa sai de questão, entrando a autoexigência interna no lugar. Se antes o que impedia a liberdade eram muros físicos, agora a prisão é mental. No lugar de quartéis, escritórios. De hospitais, clínicas de estética. Em vez de asilos, academias fitness. A liberdade é instrumentalizada de modo que todo indivíduo possa se superar constantemente. Para Han, essa lógica do "poder fazer" é mais eficaz na produção do sujeito produtivo do que o antigo regime de disciplina. O sujeito do desempenho acredita que seu potencial é ilimitado, assumindo para si mesmo a total responsabilidade por seus sucessos e fracassos. Ao se tornar empreendedor de si mesmo, explora sua própria força de trabalho, sem perceber



que está sendo dominado neste processo. A exaustão e o cansaço são naturalizados como parte do processo. De acordo com Moulin, (2023, p. 19), “Indivíduos exaustos pela própria hiperprodutividade continuam produzindo indeterminadamente, encontrando-se sempre cansados”.

O discurso neoliberal valoriza o esforço individual e a meritocracia, transformando a superação em norma e minimizando o descanso. O lazer é substituído por produtividade contínua, enquanto a hiperconectividade intensifica a sobrecarga emocional. Han (2017) observa que o poder disciplinar cedeu lugar ao poder difuso da performance (Moulin, 2023). Não são mais as instituições que vigiam: é o próprio sujeito que se cobra, se culpa e se vigia. A punição não vem de fora, mas de dentro. A liberdade, antes negada, agora é transformada em instrumento de dominação. A compulsão pela autorrealização, travestida de liberdade, revela-se mais eficaz do que a exploração por mecanismos externos de controle. O sujeito do desempenho, convencido de que é livre e autônomo, assume a ilusão de que suas escolhas são inteiramente próprias. Vê-se como resultado de um projeto pessoal em constante reinvenção, redesenho e aprimoramento. Essa busca incessante por si mesmo transforma-se, assim, em uma compulsão autoimposta (Han, 2017).

O excesso de positividade gera uma sobrecarga de estímulos e informações que fragmenta a concentração e afeta a economia da atenção. Surge, nesse contexto, a ideia da multitarefa, associada à eficiência, mas que, segundo Byung-Chul Han (2017), apenas reforça a lógica da produtividade constante. O sujeito de desempenho acredita que precisa estar sempre ativo, alternando rapidamente entre tarefas sem, de fato, realizá-las simultaneamente. A cultura da alta performance, baseada em ideais meritocráticos, vincula o valor pessoal à capacidade de produzir e competir, mesmo à custa do bem-estar. Han (2017) chama esse modelo de “sociedade do doping” e defende a recuperação da negatividade, isto é, da pausa e da contemplação, como resistência ao esgotamento e à produtividade excessiva.

Byung-Chul Han analisa de forma contundente os efeitos da sociedade do desempenho e da hiperatividade sobre os sujeitos contemporâneos. Nessa linha de pensamento, a constante exigência por produtividade e performance transforma a vida em um ciclo ininterrupto de tarefas, conduzindo ao que ele chama de “sociedade do doping”: uma lógica na qual é necessário elevar continuamente o rendimento em todas as esferas da existência. Han (2017) defende a urgência de recuperar a negatividade como forma de



resistência ao imperativo da produtividade incessante e como caminho para restaurar a subjetividade em meio ao esgotamento generalizado. A seguir, serão apresentados os resultados da análise crítico-teórica realizada com base no material bibliográfico selecionado. Busca-se tensionar os sentidos atribuídos à “excelência” educacional no contexto sul-coreano e refletir sobre suas consequências psíquicas e sociais, à luz das contribuições de Byung-Chul Han.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta os resultados da análise, divididos em quatro eixos: pressão por desempenho, saúde mental dos estudantes, impactos sociais e familiares, e possíveis inspirações e riscos para o Brasil. As reflexões dialogam com Byung-Chul Han e a bibliografia selecionada.

De acordo com Cha (2004), o sistema de avaliação sul-coreano é responsável por criar competição entre as escolas, reproduzindo a lógica da sociedade do desempenho descrita por Byung-Chul Han (2017). A avaliação global dos resultados e o foco no cumprimento do currículo transformam a educação em uma máquina de produtividade e competição constante, onde o sucesso é medido por números e rankings. Dessa maneira, a pressão para a autossuperação se institucionaliza, potencializando a autoexploração e o esgotamento psicológico dos sujeitos envolvidos.

Na década de 2000, a Coreia do Sul apresentava indicadores educacionais expressivos: a taxa de alfabetização ultrapassava 98%, 95% dos jovens estavam matriculados no ensino secundário e cerca de 87% ingressavam no ensino superior. Apesar dos altos índices, a Coreia do Sul enfrenta contradições. Como aponta Cha (2004, p.67), “embora o governo coreano tenha tentado fornecer os recursos financeiros necessários [...], a maioria dos alunos, dos pais e dos professores não está satisfeita com a situação atual das escolas”. Essa insatisfação pode ser compreendida a partir da lógica do desempenho descrita por Byung-Chul Han (2017), em que o dever é substituído pelo poder e pela produtividade. Na sociedade do desempenho, o sujeito já não é apenas disciplinado, mas motivado a superar-se constantemente. Essa autoexigência, embora eleve os índices de produtividade, gera cansaço, ansiedade e frustração. A Coreia do Sul exemplifica bem esse modelo: estudantes altamente cobrados,





pressionados por resultados e esgotados emocionalmente, mesmo em meio ao sucesso estatístico. O sistema, portanto, sustenta-se mais na performance do que no bem-estar dos envolvidos.

Na Coreia do Sul, o crescimento expressivo dos cursos particulares de reforço vem deslocando o eixo da formação escolar. Desde o ensino primário, os estudantes já se envolvem em múltiplas atividades extracurriculares voltadas à preparação para exames, com uma carga horária média de 22 horas semanais (Cha, 2004). Apesar do ensino formal ser gratuito nos primeiros nove anos e o ensino médio quase universal, a maior parte dos gastos com educação concentram-se em tutorias particulares e nos *hagwons*, centros educacionais noturnos, que preparam os estudantes para os rigorosos exames de admissão universitária (Lee, 2011). Os alunos costumam frequentar essas aulas adicionais após o período escolar, especialmente nas disciplinas de inglês e matemática, chegando a estudar cerca de 8 horas diárias, muitas vezes até às dez da noite, acompanhados por instrutores ou sozinhos em bibliotecas e salas de estudo (Hwang, 2002). Esse modelo ganhou força devido à centralidade das credenciais acadêmicas para a mobilidade social, a intensa competição educacional e profissional, e a tradição dos exames seletivos que vigoraram até a década de 1970 (Kim & Lee, 2002).

Esse investimento não é apenas financeiro, mas também simbólico: o currículo oficial vai sendo esvaziado de sentido à medida que deixa de ser visto como relevante para os vestibulares. Com isso, a escola perde centralidade, e instala-se o chamado “colapso da sala de aula”, um processo que afeta estudantes, famílias e também os docentes, que enfrentam uma combinação entre esvaziamento do seu papel, controle burocrático e desvalorização simbólica da profissão. Apesar de a carreira docente ainda atrair candidatos qualificados, a relação entre professores, alunos e famílias se torna cada vez mais marcada por desconfiança e sensação de impotência. O cenário é atravessado por uma lógica meritocrática extrema, onde os investimentos privados ganham mais peso do que as garantias públicas de uma formação escolar sólida (Cha, 2004).

Na Coreia do Sul, as muitas horas de estudo em isolamento, a forte pressão familiar pela aprovação e a constante incerteza quanto ao futuro têm levado muitos jovens à exaustão mental. O suicídio é, hoje, a principal causa de morte entre pessoas de 10 a 30 anos no país (OECD, 2015). A partir da perspectiva de Byung-Chul Han (2017), esses dados não são



apenas alarmantes: eles expressam o adoecimento estrutural de uma sociedade marcada pelo excesso de positividade e pela cobrança constante de performance. Na sociedade do desempenho, não há espaço para o fracasso: o sujeito é seu próprio explorador e também seu algoz. A depressão, então, aparece como sintoma da incapacidade de corresponder às expectativas inatingíveis impostas pelo próprio eu e pelo coletivo.

Entre os idosos, a situação não é menos grave. Muitos, negligenciados pelas famílias e sem espaço no mercado de trabalho, sentem-se um fardo. Como também aponta Han (2017), a lógica neoliberal reduz o valor das pessoas à sua produtividade. Aqueles que não conseguem mais atender a essas exigências são descartados. Idosos que precisam continuar trabalhando após os 50 anos são empurrados para funções precarizadas, mal remuneradas, sem reconhecimento ou dignidade, o que aprofunda sentimentos de exclusão e desesperança.

Essa mesma lógica de produtividade e descarte, que afeta diretamente a velhice, também orienta projetos educacionais recentes no Brasil. A tentativa brasileira de importar elementos do sistema educacional sul-coreano se articula com uma lógica neoliberal e meritocrática já evidente na Base Nacional Comum Curricular e em reformas como o Novo Ensino Médio. O fascínio pelo desempenho da Coreia do Sul em rankings internacionais ignora os alertas feitos por autores como Han (2017) sobre o custo psíquico de modelos centrados na performance, bem como as advertências de estudiosos como Yun Kyung Cha (2004), que apontam os efeitos desumanizantes do sistema coreano.

No Brasil, a BNCC apresenta uma retórica de inclusão e justiça social, mas opera dentro de um projeto neoconservador, como aponta Campos (2020), ao incentivar a competição entre escolas e professores, promovendo uma visão de educação voltada ao mercado. Isso se conecta à admiração brasileira por sistemas “eficientes”, como o coreano, mesmo que esses modelos se baseiem em alta pressão, intensificação do trabalho docente e sofrimento subjetivo, aspectos que tendem a ser silenciados nos discursos oficiais. Importar paradigmas educacionais que desconsideram o contexto social e histórico brasileiro, bem como nossas desigualdades estruturais, não apenas mascara os problemas locais, como também corre o risco de intensificá-los. Conforme bell hooks (2017) e Paulo Freire (1996), além de reconhecer a não-neutralidade na educação, é preciso reforçar práticas pedagógicas conscientes e que promovam escuta, cuidado e desenvolvimento integral, oferecendo uma





alternativa mais humana e crítica às lógicas de desempenho excludentes.

Dessa forma, os resultados analisados evidenciam que modelos educacionais centrados na performance, como o sul-coreano, geram impactos significativos na saúde mental de estudantes, reproduzindo lógicas meritocráticas e neoliberais que desconsideram contextos sociais e históricos. No Brasil, a tentativa de importar esses paradigmas, mesmo diante da retórica de inclusão da BNCC, corre o risco de intensificar desigualdades e pressões sobre sujeitos escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho, compreende-se que o sistema educacional sul-coreano, estruturado segundo a lógica da sociedade do desempenho (Han, 2017), impõe sobre os estudantes uma pressão constante, provocando exaustão, ansiedade e depressão, e transformando o aprendizado em uma experiência voltada quase exclusivamente à performance. O investimento intenso em aulas extracurriculares, a competição entre alunos e escolas e a centralidade das credenciais acadêmicas reproduzem uma meritocracia estrutural extrema, em que o sucesso é medido por números e rankings, em detrimento do desenvolvimento integral e da subjetividade dos indivíduos. Entre os idosos, a lógica neoliberal de produtividade reduz o valor das pessoas à sua capacidade de trabalho, ampliando sentimentos de exclusão e desesperança.

No Brasil, a tentativa de importar elementos desse modelo, mesmo diante da retórica inclusiva da BNCC, pode reproduzir desigualdades e pressões semelhantes, ao valorizar resultados quantitativos em detrimento do cuidado com a formação humana. Como apontam Freire (1996) e hooks (2017), práticas pedagógicas não são neutras, sendo fundamental que professores e políticas educacionais promovam escuta ativa, cuidado e desenvolvimento integral. Dessa forma, refletir criticamente sobre os efeitos do desempenho extremo é essencial para construir alternativas pedagógicas que priorizem equidade, bem-estar e justiça social, contrapondo-se às lógicas excludentes identificadas na Coreia do Sul.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições





70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

CAMPOS, F. G. **O LUGAR DA SOCIOLOGIA NO NOVO ENSINO MÉDIO: OS IMPACTOS DA BNCC PARA O ENSINO, CURRÍCULO E INTEGRAÇÃO CURRICULAR**. Orientador: Ednaldo Torres. 2020. 108 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Juazeiro, 2020. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/584593>. Acesso em: 30 jul. 2025.

CHA, Y. K. **Coréia do Sul: Persiste o dilema humanismo x utilitarismo**. In: UNESCO. WERTHEIN, Jorge. CUNHA, Célio da (Orgs.). **Educação e Conhecimento: a experiência dos que avançaram**. UNESCO: Brasília, 2004.

CRESPO, I. S. **Políticas de educação e desenvolvimento socioeconômico na Coreia do Sul: uma revisão crítica**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

DOS SANTOS, S. R.; ALVES, Y. V.; DE AZEVEDO, M. A. Estado Neoliberal e Educação Profissional no Brasil: Transformações de Paradigmas em Nosso Circuito Histórico. **Direito Público**, [S. l.], v. 18, n. 98, 2021. DOI: 10.11117/rdp.v18i98.5000. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/5000>. Acesso em: 5 ago. 2025.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. 2.ed. - Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HONDA, Débora Hisae. A febre educacional sul-coreana, passado e presente: o paradoxo entre a tradição e o desenvolvimento. **Revista Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 9, n. 16, p. 74–91, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/7233>. Acesso em: 6 ago. 2025.





HWANG, Yunhan. Why do South Korean students study hard? **International Journal of Education Research**, Gwangju, v.35, n.9, 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/222707983_Why_do_South_Korean_students_study_hard_Reflections_on_Paik's_321A_Revista_Humanidades_e_Inovacao_-_ISSN_2358-8322_-_Palmas_-_TO_-_v.9,_n.16321study. Acesso em: 6 ago. 2025.

KIM, S.; LEE, J. . Private tutoring and demand for education in South Korea. **Economic Development and Cultural Change**, [S.I.], v.58, n.2, 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/46553790_Private_Tutoring_and_Demand_for_Education_in_South_Korea. Acesso em: 6 ago. 2025.

LEE, J. The policies on supplemental education in Korea. **Supplementary education in Asia**, [S.I.], n.56, 2011. Disponível em: https://www.ias.asia/sites/default/files/nwl_article/2019-05/IIAS_NL56_1617_0.pdf. Acesso em: 6 ago. 2025.

MILTONS, M.; MICHELON, E. Educação e crescimento econômico na Coreia do Sul. **Anais do XI ANPEC-Sul**, Curitiba, 2008. Disponível em: https://economiaetecnologia.ufpr.br/arquivos_servidor/XI_ANPEC-Sul/artigos_pdf/a2/ANPEC-Sul-A2-08-educacao_e_crescimento_e.pdf . Acesso em: 5 ago. 2025.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOULIN, J. R. **A sociedade do desempenho em Byung-Chul Han e seus impactos na educação: em busca de modos de singularização na educação**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Federal Fluminense, Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Programa de Pós-Graduação em Ensino, Santo Antônio de Pádua, 2023.

OECD. **Education at a glance**. 2019. Country note indicators, 2020. Disponível em: [\[https://www.oecd.org/education/education-at-a-glance/EAG2019_CN_KOR.pdf\]](https://www.oecd.org/education/education-at-a-glance/EAG2019_CN_KOR.pdf)(https://www.oecd.org/education/education-at-a-glance/EAG2019_CN_KOR.pdf). Acesso em: 05 ago. 2025.

OECD. **Health at a glance**. 2015. Indicators. Disponível em: [\[https://www.oecd-ilibrary.org/docserver/health_glance-2015-en.pdf?expires=1601325649&id=id&accname=guest&checksum=16FD6118A9F55A34123FEB424A09B4AC\]](https://www.oecd-ilibrary.org/docserver/health_glance-2015-en.pdf?expires=1601325649&id=id&accname=guest&checksum=16FD6118A9F55A34123FEB424A09B4AC)(https://www.oecd-ilibrary.org/docserver/health_glance-2015-en.pdf?expires=1601325649&id=id&accname=guest&checksum=16FD6118A9F55A34123FEB424A09B4AC). Acesso em: 05 ago. 2025.

VUALA, E. A.; SOUSA, R. R. A. de. Modelos educacionais de sucesso: comparação dos sistemas educacionais da Finlândia, Canadá, Coreia do Sul, Japão, Singapura, Noruega, Suécia e Dinamarca e análise dos fatores-chave que os tornam bem-sucedidos. **Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia**, v. 1, n. 1, 2023. DOI: [\[https://doi.org/10.5281/zenodo.8274596\]](https://doi.org/10.5281/zenodo.8274596)(<https://doi.org/10.5281/zenodo.8274596>).



